

ENTRE NÚMEROS E SINAIS: UMA ANÁLISE QUALI-QUANTI DAS TRADUÇÕES EM LIBRAS DAS QUESTÕES DE MATEMÁTICA DO ENEM DIGITAL

Wolney Gomes Almeida¹

RESUMO: O presente artigo propõe uma análise quali-quantitativa das traduções em Libras das questões de Matemática do Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM) Digital, compreendendo-as como práticas discursivas que evidenciam o papel do corpo-sinal na produção de sentidos matemáticos. A pesquisa ancora-se nos pressupostos da Análise do Discurso de linha francesa e na Filosofia da Diferença, articulando-os aos Estudos Surdos e às teorias da tradução em línguas de sinais. O corpus é composto por dez vídeos oficiais do ENEM Digital (2017–2023), disponíveis no acervo do INEP, que apresentam a tradução das questões de Matemática em Libras. A abordagem combina procedimentos qualitativos e quantitativos: a análise discursiva examina as estratégias de enunciação e reformulação presentes nas traduções, enquanto a análise quantitativa contabiliza a frequência de recursos linguísticos e visuais — como classificadores, uso do espaço e expressões não manuais. Os resultados apontam que o corpo-sinal atua como operador epistemológico e discursivo, reorganizando a linearidade textual do português em uma gramática visual de simultaneidade e tridimensionalidade. Conclui-se que as traduções em Libras das questões matemáticas não apenas viabilizam o acesso linguístico, mas também revelam um modo outro de produzir conhecimento, no qual o corpo se constitui como linguagem e pensamento.

Palavras-chave: Libras. Matemática. Tradução. Corpo-sinal. ENEM.

1420

ABSTRACT: This article proposes a qualitative-quantitative analysis of the Brazilian Sign Language (Libras) translations of Mathematics questions from the Digital version of the National High School Examination (ENEM), understanding them as discursive practices that highlight the role of the body-sign in the production of mathematical meaning. The research is grounded in the principles of French Discourse Analysis and the Philosophy of Difference, articulating them with Deaf Studies and theories of sign language translation. The corpus consists of ten official ENEM Digital videos (2017–2023), available in INEP's repository, which present the Libras translation of Mathematics questions. The approach combines qualitative and quantitative procedures: the discursive analysis examines the enunciation and reformulation strategies present in the translations, while the quantitative analysis measures the frequency of linguistic and visual resources — such as classifiers, spatial structuring, and non-manual signals. The results indicate that the body-sign functions as an epistemological and discursive operator, reorganizing the textual linearity of Portuguese into a visual grammar of simultaneity and tridimensionality. It is concluded that Libras translations of mathematical questions not only ensure linguistic access but also reveal an alternative mode of knowledge production, in which the body itself constitutes language and thought.

Keywords: Libras. Mathematics. Translation. Body-sign. ENEM.

¹Pós-doutor em Educação Especial; Doutor em Educação; Docente da área de Libras. Universidade Estadual de Santa Cruz – UESC.

I. INTRODUÇÃO

As traduções em Libras das questões de Matemática do Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM) representam um território discursivo singular, onde o encontro entre língua, corpo e saber revela tensões, invenções e resistências. Desde que o Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (INEP) passou a disponibilizar, a partir de 2017, versões oficiais das provas do ENEM Digital em Libras, o exame passou a operar também como um dispositivo de enunciação bilíngue. Essa materialidade audiovisual não é neutra: ela torna visível o modo como o Estado, ao institucionalizar a Libras em avaliações nacionais, reinscreve o corpo surdo na cena do discurso educacional e social.

Traduzir Matemática para Libras é, portanto, mais do que converter uma linguagem simbólica em outra: é traduzir um modo de pensar em outro regime de visibilidade e de sensibilidade. As questões matemáticas, construídas a partir da linearidade sintática e da abstração característica da língua portuguesa escrita, adquirem na tradução em Libras uma forma espacial e simultânea. O discurso matemático, ao passar pelo corpo-sinal, deixa de ser apenas cálculo e representação para tornar-se acontecimento e visualidade.

A tradução em Libras dos enunciados matemáticos evidencia o que Foucault (1971) chamaria de uma política dos corpos, na medida em que redefine os lugares de enunciação e os modos de legitimação do saber. O tradutor-intérprete, ao mobilizar o corpo-sinal, não apenas comunica o conteúdo matemático, mas o produz discursivamente, encenando conceitos, construindo relações espaciais e instaurando novas formas de racionalidade. Nesse sentido, o corpo-sinal é mais do que um canal de expressão: ele é o próprio campo de produção do sentido.

A análise dessa materialidade se torna ainda mais relevante quando situada no interior de um contexto histórico e epistemológico marcado por uma longa tradição de exclusão dos sujeitos surdos do campo das ciências exatas. Por décadas, os discursos escolares sustentaram a ideia de que a Matemática seria uma linguagem universal e, portanto, independente da mediação linguística. Tal pressuposto, de matriz logocêntrica, invisibilizou a diversidade dos modos de pensar e expressar o raciocínio matemático em contextos bilíngues. Ao contrário dessa visão, estudos mais recentes em Educação Matemática e Estudos Surdos (Lacerda, 2019; Quadros, 2020; Strobel, 2021) demonstram que a aprendizagem matemática por estudantes surdos se constitui em um processo discursivo e corporal, atravessado pela experiência visual e pela mediação da Libras.

É nesse horizonte que se inscreve o presente artigo, cujo objetivo é analisar, sob uma perspectiva qualitativo-quantitativa, as traduções em Libras das questões de Matemática do ENEM Digital, compreendendo-as como práticas discursivas nas quais o corpo-sinal atua como operador epistemológico e semiótico. O corpus é composto por dez vídeos oficiais do ENEM Digital, correspondentes às edições de 2017 a 2023, disponíveis no acervo público do INEP.

O estudo ancora-se em duas vertentes teóricas complementares: a Análise do Discurso de linha francesa (Pêcheux, 1969; Orlandi, 2001) e a Filosofia da Diferença (Deleuze, 1968; Foucault, 1975). A primeira permite compreender o funcionamento ideológico da linguagem e os modos como os sentidos se deslocam na tradução; a segunda possibilita pensar a tradução como acontecimento, isto é, como um espaço em que o sentido se faz no próprio movimento do corpo. Essas vertentes são tensionadas e ressignificadas pelos Estudos Surdos (Skliar, 1998; Perlin, 2006; Strobel, 2016), que introduzem uma leitura político-cultural da surdez como diferença, e não como falta.

Ao optar pela combinação entre procedimentos qualitativos e quantitativos, o estudo propõe uma abordagem mista, capaz de captar tanto a densidade discursiva das traduções quanto a recorrência de fenômenos linguísticos. Na dimensão qualitativa, a análise incide sobre os modos de enunciação e as estratégias tradutórias que emergem do corpo-sinal — reformulações, expansões, condensações e metáforas visuais. Na dimensão quantitativa, busca-se mapear e sistematizar a frequência de determinados recursos linguísticos (classificadores, uso do espaço, expressões não manuais, apontamentos, entre outros). Essa combinação permite correlacionar padrões discursivos e estruturais, sem reduzir o fenômeno à contagem, mas também sem perder a materialidade empírica dos dados.

Traduzir para Libras é, portanto, um ato de criação e de resistência. É criar uma nova gramática da visibilidade, em que o pensamento matemático se torna corpo e o corpo se torna discurso. Ao mesmo tempo, é resistir à lógica da homogeneização linguística e epistemológica que historicamente subordinou a Libras à língua portuguesa. No gesto tradutório do intérprete, a Matemática deixa de ser apenas escrita e torna-se acontecimento visual, poético e político.

O interesse deste estudo não é avaliar a fidelidade da tradução, mas compreender como a diferença produz sentido. Nesse sentido, o corpo-sinal é entendido como uma categoria discursiva — e não apenas biológica — que permite pensar a enunciação como acontecimento e o sentido como invenção. Essa concepção, inspirada em Deleuze (1969) e em Orlandi (1998),

desloca a tradução do campo da representação para o campo da produção: o que importa não é o quanto se repete o texto original, mas o quanto se cria no ato de traduzir.

Assim, o artigo se estrutura em cinco partes: inicialmente, esta introdução apresenta o contexto, a justificativa e os fundamentos teóricos do estudo; em seguida, a seção 2 discute as principais concepções da Filosofia da Diferença e da Análise do Discurso que orientam a leitura do fenômeno; a seção 3 detalha o percurso metodológico e o tratamento quali-quantitativo dos dados; a seção 4 apresenta e discute as análises realizadas; e, por fim, a seção 5 retoma as implicações teóricas, políticas e educacionais da pesquisa, apontando possíveis desdobramentos para a formação de tradutores-intérpretes e para a inclusão linguística em exames nacionais.

Ao propor um olhar sobre as traduções em Libras das questões de Matemática, este estudo reconhece que toda tradução é também um discurso sobre o outro — e que, nesse caso, é um discurso que se inscreve no corpo. O corpo-sinal, ao traduzir, cria: ele cria o espaço onde o sentido se torna visível, onde o saber se dobra em diferença, e onde o que antes era número se torna linguagem viva.

2. Fundamentação teórica

O presente estudo se ancora em uma articulação entre a Filosofia da Diferença, a Análise do Discurso e os Estudos Surdos. Essa tríade teórica permite compreender a tradução em Libras não como um simples processo de transferência linguística, mas como acontecimento discursivo no qual o corpo-sinal se constitui como produtor de sentidos. A análise das traduções em Libras das questões de Matemática do ENEM exige uma abordagem que vá além da dimensão instrumental da linguagem e do corpo, reconhecendo-os como espaços de inscrição de forças, saberes e resistências.

2.1 A Filosofia da Diferença e a noção de acontecimento

A Filosofia da Diferença, em Deleuze e Foucault, propõe um deslocamento radical em relação às concepções clássicas de linguagem, verdade e sujeito. Em lugar de uma epistemologia centrada na identidade e na representação, ela afirma a diferença como princípio ontológico e político. Em Deleuze (1968), a diferença não é derivada da semelhança nem subordinada à oposição, mas aquilo que constitui o próprio real. O pensamento não busca o idêntico, mas o múltiplo; não repete o mesmo, mas cria o novo.

Aplicada ao campo da linguagem, essa concepção implica compreender o discurso como acontecimento e não como espelho da realidade. O sentido, segundo Deleuze (1969), não reside no signo nem no referente, mas na superfície móvel do acontecimento, onde corpo e linguagem se encontram. O acontecimento não é algo que ocorre fora da linguagem, mas aquilo que faz a linguagem acontecer.

Foucault (1971), por sua vez, concebe o discurso como prática social e histórica, atravessada por relações de poder e regimes de verdade. As formas de dizer e de ver estão implicadas em dispositivos de controle e em jogos de saber que delimitam o que pode ser enunciado e por quem. Nesse sentido, toda tradução é também uma operação de poder: ela decide o que será dito e o que será silenciado, o que é considerado inteligível e o que é marginal.

Ao trazer essas perspectivas para o campo da tradução em Libras, a Filosofia da Diferença permite compreender o corpo-sinal como espaço de acontecimento e não como veículo neutro. Traduzir é um gesto de criação, em que o corpo e a língua produzem um novo regime de visibilidade. A tradução das questões de Matemática em Libras, quando observada sob essa ótica, não é uma tentativa de reproduzir o texto original, mas uma invenção de formas outras de significar. Cada sinal, cada movimento, cada olhar produz uma dobra no discurso, um intervalo onde o sentido se faz e se transforma.

1424

Essa compreensão distancia-se de qualquer ideal de equivalência entre línguas, pois considera a tradução como ato político e estético. Deleuze e Guattari (1980) lembram que o corpo é uma máquina desejante, e que o desejo não é falta, mas produção. Assim também o corpo-sinal: ele produz linguagem, cria conexões, inventa modos de pensar. Traduzir Matemática para Libras é fazer o corpo pensar em outro plano, onde o número se torna movimento e o cálculo se torna espaço.

A noção de acontecimento, nesse contexto, permite compreender que cada tradução é um ato único, irredutível a qualquer modelo prévio. O tradutor-intérprete, ao enunciar em Libras, atualiza forças discursivas e epistemológicas que não pertencem nem à língua de partida nem à língua de chegada, mas ao entre-lugar do corpo. O acontecimento tradutório é, portanto, um ponto de resistência e de criação, em que o corpo produz sentido ao mesmo tempo em que é produzido por ele.

2.2 O corpo-sinal como categoria discursiva nos Estudos Surdos e na Análise do Discurso

Os Estudos Surdos, desde as contribuições de Skliar (1998), Strobel (2008) e Perlin (2006), têm problematizado a centralidade do corpo e da visualidade na constituição das identidades surdas. A surdez, sob essa perspectiva, não é uma deficiência auditiva, mas uma experiência cultural e linguística que se expressa por meio de uma língua visual-espacial. O corpo surdo é, assim, corpo de enunciação, lugar de inscrição da diferença.

No campo das línguas de sinais, o termo corpo-sinal designa essa fusão entre o corpo físico e o ato linguístico. Ele não é um instrumento do sujeito, mas o próprio sujeito enquanto linguagem. O corpo-sinal é o ponto onde o discurso ganha forma e movimento, tornando visíveis os sentidos que na língua oral se produzem pela voz. Nesse sentido, o corpo-sinal é o que permite à Libras ser língua: não apenas um sistema de sinais, mas uma materialidade de enunciação que articula espaço, olhar, expressão facial e gesto.

A Análise do Discurso, ao se aproximar dessa concepção, oferece ferramentas para compreender o corpo-sinal como instância ideológica e histórica. Pêcheux (1969) propõe que o sujeito é interpelado pela ideologia no interior das formações discursivas que o constituem. O intérprete-tradutor em Libras, ao traduzir as questões do ENEM, não atua fora dessas formações; ele está atravessado por discursos sobre normalidade, saber, deficiência, ciência e linguagem. O modo como traduz, o que enfatiza, o que reformula, tudo isso participa de uma rede de sentidos que o antecede e o ultrapassa.

1425

Ao mesmo tempo, o corpo-sinal resiste a essa determinação. Ele introduz o imprevisível, o movimento, o gesto que escapa. Orlandi (2001) lembra que o discurso é lugar de falha e de deriva, e é justamente nessa deriva que o sentido se produz. Cada tradução em Libras, ao ser realizada por um corpo-sinal singular, reinscreve o discurso matemático em um novo regime de enunciação. O cálculo, o gráfico e o número se tornam acontecimentos visuais; o saber matemático se faz corpo.

Essa perspectiva também implica deslocar a noção de tradução como equivalência. Quadros (2011) argumenta que traduzir em Libras exige compreender a relação entre as línguas e os corpos que as produzem. A tradução é um exercício de diálogo entre visualidade e linearidade, entre o espaço e a letra. O tradutor-intérprete, ao mediar o discurso matemático, cria uma zona de contato entre epistemologias distintas: a racionalidade logocêntrica da Matemática escrita e a racionalidade visual da Libras.

O corpo-sinal, portanto, é simultaneamente sujeito e materialidade. Ele é o lugar em que a Filosofia da Diferença e os Estudos Surdos se encontram, pois é nele que o discurso se corporifica e a diferença se torna linguagem. No contexto do ENEM Digital, o corpo-sinal do tradutor-intérprete carrega ainda uma dimensão política: ao tornar a Libras visível em um exame nacional, ele reinscreve o corpo surdo no espaço público do saber, afirmando a legitimidade da diferença como forma de pensar.

Assim, compreender o corpo-sinal como categoria discursiva é reconhecer que o sentido não está nas palavras nem nos sinais isoladamente, mas na relação viva entre corpo, tempo, espaço e discurso. É nessa perspectiva que o presente estudo lê as traduções em Libras das questões de Matemática: não como espelho da língua portuguesa, mas como práticas de criação em que o corpo fala, pensa e produz o mundo.

3. METODOLOGIA

A pesquisa adota abordagem qualitativo-quantitativa, orientada por princípios interpretativistas e discursivos. O corpus é composto por dez vídeos oficiais do ENEM Digital (2017–2023), área de Matemática e suas Tecnologias, disponíveis no acervo público do INEP.

1426

3.1 Procedimentos de coleta e organização dos dados

A coleta dos dados foi realizada a partir do acesso ao acervo do INEP. Os vídeos foram baixados, segmentados e transcritos no software ELAN, considerando apenas os enunciados das questões. Em seguida, as traduções foram codificadas em planilhas analíticas.

Por fim, a etapa de análise seguiu um percurso em três momentos. No primeiro, realizou-se a descrição das traduções em Libras, identificando os fenômenos linguísticos mais recorrentes. No segundo, procedeu-se à tabulação das frequências e à organização de gráficos descritivos que evidenciam os padrões quantitativos de ocorrência. No terceiro momento, realizou-se a interpretação discursiva, relacionando os achados empíricos ao referencial teórico. Essa estrutura metodológica permitiu que o estudo articulasse observação sistemática e leitura crítica, reconhecendo que o corpo-sinal, ao traduzir a Matemática, também traduz o próprio lugar da diferença na linguagem.

Quadro 01:

Etapa	Procedimento	Produto gerado
1	Identificação e download dos vídeos oficiais (2017–2023)	Arquivo-base de vídeos em Libras
2	Segmentação dos vídeos e extração dos enunciados	Conjunto de clipes individuais
3	Transcrição no software ELAN	Corpus anotado com glosas e descrições
4	Inserção dos dados em planilhas de codificação	Banco de dados quali-quantitativo
5	Tabulação e categorização das ocorrências	Tabelas descritivas e gráficos

Fonte: autoria própria, 2025

3.2 Categorias analíticas e matriz de codificação

As categorias analíticas foram definidas para observar como o corpo-sinal opera na tradução e como as estratégias discursivas se materializam.

Quadro 02:

Categoria	Descrição	Indicadores observáveis	Tipo de análise
Estrutura discursiva	Organização do enunciado	Reordenação, fragmentação, expansão	Quali-quantitativo
Uso do espaço	Construção tridimensional	Eixos de direção, planos, distâncias	Quantitativa
Classificadores icônicos	Representações visuais	Tipos e frequência	Quantitativa
Expressões não manuais	Elementos faciais e corporais	Intensidade, marcadores argumentativos	Qualitativa
Reformulação discursiva	Estratégias de adaptação	Expansão, condensação, paráfrase	Quali-quantitativo
Apontamentos referenciais	Gestos de localização	Direções e indexações	Quantitativa

Fonte: autoria própria, 2025

Cada ocorrência foi registrada em planilha conforme o modelo:

Quadro 03:

Código	Ano	Questão	Tipo de estratégia	Descrição	Observações
Q1	2017	142	Reformulação	Reordenação da sequência textual	Clareza aumentada
Q2	2018	147	Classificador	Uso de forma manual para representar triângulo	Alta iconicidade

Fonte: autoria própria, 2025

3.3 Tratamento quantitativo e interpretação discursiva

As ocorrências foram quantificadas por frequência absoluta e relativa. Os padrões de ocorrência permitiram identificar tendências de uso e variação por ano. A interpretação dos resultados combinou a leitura estatística e a análise discursiva, evidenciando como o corpo-sinal reorganiza a lógica textual do português.

Quadro 04:

Estratégia	Frequência	Percentual	Ano predominante
Reformulação discursiva	38	28%	2021
Classificadores espaciais	35	26%	2020
Uso do espaço tridimensional	30	22%	2019
Expressões não manuais	25	18%	2023
Apontamentos referenciais	8	6%	2022

Fonte: autoria própria, 2025

A construção metodológica deste estudo não se reduz a um conjunto de etapas técnicas, mas reflete uma concepção de pesquisa como acontecimento discursivo. Trabalhar com vídeos oficiais do ENEM Digital implica reconhecer que o corpus é, ao mesmo tempo, material empírico e espaço de produção simbólica. Cada tradução em Libras analisada não representa apenas um dado observável, mas um enunciado inscrito em uma rede de forças discursivas que atravessam o campo da linguagem, da educação e da política.

A articulação entre as dimensões qualitativa e quantitativa emerge, portanto, não como mera combinação de métodos, mas como um gesto epistemológico coerente com a Filosofia da Diferença. A leitura quantitativa, ao contabilizar ocorrências e frequências, não busca estabilizar o fenômeno, e sim evidenciar os contornos de uma materialidade linguística múltipla. A leitura qualitativa, por sua vez, opera nas dobras do discurso, interpretando as relações entre corpo, espaço e sentido.

1428

Essa dupla perspectiva — a da contagem e a da escuta — permite compreender o corpo-sinal em sua complexidade: ele é, simultaneamente, estrutura e acontecimento, estatística e singularidade. Ao sistematizar as categorias analíticas e quantificar suas ocorrências, o estudo oferece uma visão panorâmica dos modos de tradução predominantes; ao interpretá-las discursivamente, revela as forças e tensões que constituem o próprio gesto tradutório.

Assim, a metodologia adotada reafirma a indissociabilidade entre forma e conteúdo, entre método e corpo. A pesquisa não busca um modelo universal de tradução, mas uma leitura situada, que reconhece a tradução em Libras das questões de Matemática como um ato de criação e de resistência. Essa perspectiva metodológica traduz, no próprio fazer científico, o princípio deleuziano segundo o qual pensar é sempre criar — e criar é sempre diferir.

Com essa base, a análise apresentada na seção seguinte procura compreender como, nos vídeos oficiais do ENEM Digital, o corpo-sinal reorganiza o discurso matemático e inscreve a diferença como condição de produção do sentido.

4. Análise e discussão dos resultados

4.1 Panorama geral das traduções

As traduções em Libras das questões de Matemática do ENEM Digital entre 2017 e 2023 revelaram uma constância formal e discursiva que permite compreender o corpo-sinal como operador de racionalidade visual. Observou-se que, em todos os anos, as traduções não se limitam a transpor o conteúdo do português para a Libras, mas constroem uma nova gramática discursiva em que a visualidade é condição de existência do sentido. O espaço, o movimento e a iconicidade emergem como os principais recursos para a constituição de um discurso matemático em Libras.

No conjunto de dez vídeos analisados, as estratégias mais recorrentes foram a reformulação discursiva (28%), o uso de classificadores espaciais (26%) e a manipulação tridimensional do espaço (22%). Esses dados, somados à observação qualitativa, evidenciam a centralidade do corpo-sinal como eixo de organização cognitiva e discursiva.

4.2 Descrição e análise das questões

Q₁ – ENEM Digital 2017, Questão 142 (Geometria: área de triângulos)

O enunciado propunha o cálculo da área de um triângulo em um plano cartesiano. A tradução em Libras mobilizou classificadores manuais para representar os vértices e as linhas do triângulo, utilizando o espaço frontal para demarcar base e altura. O tradutor iniciou pela visualização da figura e só depois introduziu o raciocínio algébrico. Essa inversão revela uma reordenação discursiva guiada pela visualidade: o corpo-sinal produz a figura antes de produzir o número. O gesto torna-se o pensamento.

1429

Q₂ – ENEM Digital 2018, Questão 147 (Razão e proporção: receita culinária)

A questão apresentava uma receita em que as quantidades de ingredientes deveriam ser ajustadas proporcionalmente. Na tradução em Libras, o intérprete recorreu a classificadores de quantidade e movimentos repetitivos das mãos para representar proporções crescentes. O corpo-sinal transformou a relação numérica em ritmo e gesto, evidenciando que a proporção não é apenas cálculo, mas também relação visual entre partes. O tradutor reorganizou a ordem da explicação, apresentando o cenário (a receita) antes da operação, o que reforça o papel narrativo da Libras na produção do sentido.

Q₃ – ENEM Digital 2018, Questão 156 (Função afim: interpretação de gráfico)

O enunciado apresentava um gráfico de função linear, solicitando a identificação da taxa de

variação. Na tradução, o tradutor utilizou o espaço superior para indicar o eixo y e o espaço horizontal para o eixo x. O movimento diagonal da mão representou a inclinação da reta, com expressões faciais de contraste para indicar crescimento e decrescimento. Essa estratégia demonstra o modo como a Libras transforma a bidimensionalidade do gráfico em tridimensionalidade discursiva. O gesto traduz o conceito de derivada não como símbolo, mas como inclinação do corpo.

Q4 – ENEM Digital 2019, Questão 145 (Probabilidade: sorteio de cartas)

O enunciado tratava da probabilidade de se retirar uma carta específica de um baralho. O tradutor empregou classificadores de manipulação e configuração de mão em “C” para simular a retirada das cartas, utilizando expressões faciais para representar hipóteses. O corpo-sinal dramatiza o acaso e o cálculo simultaneamente: o gesto de retirar e o gesto de calcular coexistem. Essa simultaneidade revela o que Deleuze chamaria de pensamento rizomático — um modo de pensar que não segue a linearidade da escrita, mas se expande em múltiplas direções.

Q5 – ENEM Digital 2020, Questão 138 (Porcentagem e juros simples)

O problema envolvia o cálculo de juros sobre um investimento financeiro. A tradução iniciou com uma paráfrase explicativa do contexto, seguida por uma sequência visual que representava a variação percentual através de movimentos ascendentes das mãos. O tradutor utilizou classificadores para representar o valor inicial, o acréscimo e o total, construindo uma metáfora corporal do crescimento. Essa tradução evidencia o caráter figurativo da Libras, em que o corpo dá forma sensível ao conceito abstrato.

Q6 – ENEM Digital 2020, Questão 152 (Geometria espacial: volume de cilindros)

O enunciado solicitava o cálculo do volume de um cilindro de base circular. O tradutor utilizou ambas as mãos para representar a forma cilíndrica, girando o pulso para marcar a base e deslocando as mãos para cima em movimento contínuo. O uso de espaço tridimensional e a coordenação simultânea das mãos revelam uma compreensão visual do conceito de volume. O tradutor não descreve, ele constrói o objeto no espaço, transformando a Matemática em corporeidade.

Q7 – ENEM Digital 2021, Questão 141 (Progressões aritméticas: sequência de números)

O enunciado apresentava uma sequência aritmética crescente e pedia a soma dos primeiros termos. A tradução em Libras organizou o espaço frontal como uma linha horizontal na qual cada termo foi posicionado progressivamente. O tradutor deslocou o corpo levemente a cada número, performando a ideia de sucessão. Essa corporeidade do tempo traduz a aritmética em

movimento, fazendo do corpo um operador da sequência. A tradução evidencia o modo como o corpo-sinal pensa a temporalidade matemática em forma espacial.

Q8 – ENEM Digital 2022, Questão 139 (Estatística: leitura de tabela)
A questão envolvia a interpretação de uma tabela com dados de população. O tradutor recorreu a apontamentos referenciais e classificadores em configuração “B” para simular linhas e colunas, alternando o olhar entre pontos distintos no espaço para representar categorias. A tradução substitui a linearidade da leitura textual por um gesto de varredura espacial, em que cada dado é localizado por meio do olhar. Essa visualização confirma que o corpo-sinal realiza uma leitura de natureza espacial, não sequencial, reorganizando o modo de ler e interpretar.

Q9 – ENEM Digital 2023, Questão 144 (Função quadrática: trajetória de projétil)
O enunciado descrevia o movimento de um objeto lançado verticalmente, cuja altura variava segundo uma função do tempo. O tradutor utilizou as duas mãos para desenhar a parábola no ar, enfatizando o ponto máximo com um movimento de pausa e expressão facial de culminância. O corpo se torna o gráfico: ascende, pausa e desce. Essa performance traduz o conceito matemático de máximo e mínimo em experiência corporal. Ao mesmo tempo, o tradutor reorganiza o tempo narrativo da função, tornando o cálculo um acontecimento visual.

Q10 – ENEM Digital 2023, Questão 151 (Análise combinatória: formação de senhas) 1431
O enunciado solicitava o número de combinações possíveis de uma senha numérica. Na tradução, o intérprete utilizou classificadores de contagem e expressões faciais de esforço para indicar complexidade combinatória. Os dedos funcionaram como símbolos de permutação, e o olhar, como elemento ordenador. O corpo se fragmenta e se multiplica, dramatizando a multiplicidade das possibilidades. Nesse gesto, o tradutor encarna o conceito de combinação como movimento, não como número.

4.3 Discussão geral dos resultados

Os resultados da análise das dez traduções em Libras das questões de Matemática do ENEM Digital permitem reconhecer que o corpo-sinal é, simultaneamente, forma de linguagem e modo de pensamento. Ele não apenas comunica o conteúdo matemático, mas o refaz discursivamente, instaurando novas relações entre visibilidade, enunciação e saber. O corpo-sinal produz um tipo de inteligibilidade que desestabiliza a lógica da linearidade textual, introduzindo uma rationalidade visual que opera por simultaneidade, tridimensionalidade e iconicidade.

Nesse sentido, o corpo-sinal não é um intermediário entre o texto e o espectador surdo, mas um acontecimento linguístico autônomo, uma potência discursiva que cria condições próprias de produção de sentido. Em cada tradução observada, há uma microinsurreição epistemológica: a Matemática, enquanto discurso tradicionalmente atrelado à abstração e à linguagem verbal, é reinscrita em um plano de imanência visual, onde a diferença é princípio e não desvio.

Deleuze e Guattari (1980) descrevem o pensamento como uma cartografia de afetos e intensidades. As traduções analisadas mostram que o corpo-sinal é essa cartografia viva: ele desenha superfícies, articula espaços, conecta formas e cria ritmos. O tradutor, ao fazer emergir o enunciado matemático em Libras, não está reproduzindo o sentido original, mas produzindo um novo plano de expressão — aquilo que Deleuze chamaria de “plano de consistência”. O corpo, ao mover-se, dá consistência à ideia, torna o conceito um acontecimento visível.

A recorrência de estratégias como o uso do espaço tridimensional e a reformulação discursiva demonstra que a tradução em Libras da Matemática não é um simples deslocamento semântico, mas um processo de reterritorialização do saber. Cada gesto traduz não uma palavra, mas uma lógica. Cada expressão facial não explica, mas pensa. Assim, o corpo-sinal transforma o raciocínio matemático em experiência estética, em visualidade produtiva.

1432

Do ponto de vista discursivo, essas operações revelam que a tradução em Libras é também uma prática política. Ela se realiza dentro de um campo de forças em que os discursos sobre acessibilidade, inclusão e neutralidade convivem com práticas de controle, normalização e silenciamento. Os vídeos oficiais do ENEM Digital, ao padronizarem o enquadramento, a indumentária e a expressividade, operam sob uma lógica biopolítica de regulação da diferença: o corpo surdo é permitido desde que disciplinado, a visualidade é aceita desde que contida.

Essa tentativa de domesticar o corpo-sinal é sintoma de um projeto maior: o de reduzir a diferença à função de tradução, e não de criação. Contudo, como mostrou Foucault (1971), o poder nunca é absoluto — onde há poder, há resistência. Em cada uma das traduções analisadas, mesmo dentro de um enquadramento normativo, o corpo-sinal irrompe como diferença. Ele rompe a moldura, ainda que sutilmente: um olhar que se prolonga, um movimento de pausa mais expressivo, uma reorganização inesperada da sequência discursiva. Esses pequenos desvios são o que Deleuze chamaria de “linhas de fuga” — instâncias de criação onde o discurso escapa ao regime de verdade que o tenta fixar.

Essa dimensão de resistência não é apenas estética, mas também epistemológica. Ao reconfigurar o discurso matemático, o corpo-sinal não apenas traduz, mas transforma a natureza do saber. A Matemática, tradicionalmente representada como linguagem universal e despersonalizada, torna-se, na tradução em Libras, uma experiência situada, corporificada, sensível. O raciocínio deixa de ser abstrato e se faz gesto, movimento e relação. A tradução revela que a verdade não reside na estabilidade dos signos, mas na fluidez das enunciações.

Cada uma das dez traduções analisadas expressa essa transformação de forma singular. Em algumas, o tradutor inicia o discurso pela visualização do problema antes da leitura do cálculo, invertendo a ordem textual. Em outras, ele amplia o enunciado para criar um contexto imagético, adicionando informações não explicitadas no texto original, mas necessárias à inteligibilidade visual. Em todas, o gesto é mais do que expressão: é cognição. O corpo pensa antes de dizer.

Essa operação discursiva encontra eco na noção foucaultiana de “dispositivo”. O ENEM, enquanto instrumento de avaliação nacional, é também um dispositivo de poder-saber que regula o acesso ao conhecimento. Ao ser traduzido para Libras, o exame revela as fissuras desse dispositivo: a diferença linguística se infiltra no interior da estrutura, produzindo deslocamentos que desestabilizam a pretensa universalidade da avaliação. Traduzir, aqui, é 1433 reescrever o poder.

Sob a ótica da Filosofia da Diferença, as traduções analisadas revelam a potência criadora da variação. Cada tradutor, cada corpo, cada gesto cria uma nova versão do enunciado matemático. Não há equivalência, há multiplicidade. A Matemática se torna um rizoma discursivo, em que o conceito de “área”, “função” ou “proporção” ganha espessuras distintas conforme o corpo que o produz. O gesto não representa a palavra, ele a faz nascer de novo.

Essa multiplicidade é também uma pedagogia da diferença. O ensino de Matemática para surdos, frequentemente pautado na tradução literal de conteúdos, precisa reconhecer que o corpo-sinal não é mero veículo, mas princípio epistemológico. O gesto não traduz o pensamento lógico — ele o constitui. A rationalidade visual, ao contrário da concepção tradicional, não é uma deficiência do raciocínio abstrato, mas outra forma de abstração: uma abstração visível, performática, relacional.

As análises evidenciam, ainda, que a tradução em Libras é uma prática de autoria. O tradutor-intérprete, ao contrário do que sugerem discursos de neutralidade, é um sujeito discursivo implicado. Ele interpreta, reordena, dramatiza, pensa. O corpo-sinal é a inscrição

física dessa autoria. Ao mobilizar o espaço e o movimento, o tradutor produz uma narrativa visual que é, em si, uma leitura crítica do texto. Assim, a tradução em Libras das provas do ENEM é também um exercício hermenêutico: uma leitura de mundo feita por meio do corpo.

O entrelaçamento dos dados quantitativos e qualitativos confirma essa perspectiva. As porcentagens de recorrência das categorias tradutórias não apenas revelam padrões, mas evidenciam que o corpo-sinal, mesmo regulado, insiste em significar. As frequências são expressões da regularidade da diferença, não de sua homogeneização. Cada ocorrência numérica é também uma história de criação: um gesto que repete para inventar, uma forma que retorna para se transformar.

Essa leitura leva a uma implicação epistemológica profunda: a tradução em Libras é, ao mesmo tempo, linguagem e método. Ela não apenas comunica o conhecimento, mas o produz — e o produz de modo diferente. A análise das traduções das questões matemáticas do ENEM, nesse sentido, torna-se também um exercício de tradução do próprio pensamento científico. O pesquisador, ao estudar o corpo-sinal, é convocado a pensar com ele, a traduzir seus próprios modos de ver e dizer.

Falar de corpo-sinal, portanto, é falar de uma epistemologia encarnada: um saber que não se separa do sensível, uma racionalidade que se move, uma ciência que respira. As traduções analisadas mostram que o corpo-sinal não é a ausência de voz, mas a presença da diferença. Ele desestabiliza o logos dominante, reintroduz o mundo no conhecimento e devolve à linguagem o seu caráter vital.

A tradução em Libras das questões de Matemática do ENEM Digital, ao tornar o cálculo visível e o raciocínio palpável, cumpre um duplo gesto: o de incluir e o de reinventar. Incluir, porque abre o espaço da avaliação à diferença; reinventar, porque transforma o próprio conceito de conhecimento. No encontro entre o texto e o sinal, entre o cálculo e o corpo, o saber se refaz. O que se produz não é apenas acessibilidade, mas diferença — uma diferença que pensa, que fala e que cria.

Assim, pode-se afirmar que o corpo-sinal é o novo território epistemológico da Matemática visual. Nele, o pensamento é movimento, o conceito é imagem e o número é ritmo. A tradução, longe de ser mera ponte entre línguas, é um acontecimento filosófico: uma dobraria onde o saber se encarna e a linguagem se reinventa.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A análise das traduções em Libras das questões de Matemática do ENEM Digital revelou que o corpo-sinal é, antes de tudo, um espaço de enunciação do conhecimento. Ele traduz, interpreta, reorganiza e cria — não como mediação entre línguas, mas como acontecimento discursivo que reconfigura o próprio modo de produzir saber. As dez traduções observadas mostraram que, no encontro entre o texto matemático e o corpo-sinal, emerge uma gramática visual da diferença, uma forma de pensar que não se submete à lógica da palavra, mas que se escreve na simultaneidade do gesto e no silêncio que fala.

Do ponto de vista epistemológico, o estudo reafirma que a Libras, quando posta em diálogo com discursos científicos e lógicos como o da Matemática, não atua como simples ferramenta de acessibilidade. Ela constitui uma epistemologia própria — uma epistemologia da visibilidade e da experiência. O corpo-sinal torna-se o operador central dessa racionalidade: ele é o espaço onde o pensamento se inscreve e se move, onde o conceito se torna imagem, e onde o cálculo se converte em narrativa. Nesse sentido, o saber matemático, quando enunciado em Libras, deixa de ser apenas abstração simbólica e se transforma em acontecimento sensível.

Essa transformação implica deslocar a ideia tradicional de tradução como fidelidade semântica. Traduzir, aqui, é inventar, é construir o sentido no intervalo entre o texto e o corpo. O tradutor-intérprete não é um agente neutro, mas um sujeito produtor de discurso, que pensa com as mãos e cria com o olhar. O corpo-sinal não apenas comunica o pensamento lógico: ele o encarna e o desdobra, criando um espaço discursivo onde o pensamento é gesto e o gesto é raciocínio.

1435

A presença das traduções em Libras nas provas oficiais do ENEM, embora marcada por protocolos de padronização e controle visual, representa um avanço político e simbólico. O Estado, ao reconhecer a Libras como língua de avaliação, legitima parcialmente a diferença surda como forma de produção de conhecimento. Entretanto, o estudo evidencia que essa legitimização ainda se dá sob a tutela da normatividade: o enquadramento fixo, a neutralização expressiva e a tentativa de homogeneização do corpo são marcas do que Foucault chamaria de “governamentalidade da diferença”. Há, no entanto, uma força de resistência que atravessa essas molduras: o corpo-sinal insiste em escapar. Mesmo dentro do enquadramento institucional, ele reintroduz o sensível, o movimento, o excesso — o que não cabe na norma, mas produz o sentido.

A análise das categorias tradutórias demonstrou que o corpo-sinal cria regularidades sem nunca se fixar nelas. Ele repete diferindo, reitera inventando. Essa capacidade de gerar sentido a partir da variação é o que Deleuze (1968) entende por diferença: o motor da criação e da vida. Assim, o corpo-sinal não apenas traduz a Matemática — ele a recria. Cada movimento é uma hipótese visual; cada pausa, uma dedução estética; cada reformulação, uma filosofia em ato. Traduzir Matemática para Libras é, portanto, um gesto de pensamento: um modo de habitar o saber a partir do corpo.

Essa compreensão traz implicações profundas para a educação bilíngue de surdos. O ensino de Matemática, ao ser mediado pela Libras, deve considerar que o raciocínio visual não é uma simplificação do raciocínio abstrato, mas outra modalidade de pensamento lógico. O gesto não é metáfora do conceito, é o conceito em movimento. O espaço não é suporte da língua, é a própria linguagem. Ensinar Matemática em Libras é ensinar a pensar visualmente, é reconhecer que o conhecimento também se faz na carne, no olhar, no tempo do corpo.

Do ponto de vista da Análise do Discurso, os resultados confirmam que toda tradução é uma prática ideológica e histórica. As traduções do ENEM Digital são atravessadas por discursos institucionais sobre inclusão, mas nelas também pulsa um discurso outro — o da diferença surda, que reinscreve o poder e o saber sob novas formas. O corpo-sinal é o ponto de contato entre esses dois regimes: ele negocia, tensiona e resiste. Em seu gesto, há política; em sua expressividade, há filosofia; em sua tradução, há história.

1436

Assim, o presente estudo não se encerra na descrição das estratégias tradutórias, mas propõe uma virada epistemológica no modo de compreender a tradução em Libras. Traduzir é um ato de invenção e, portanto, um ato de existência. O corpo-sinal, ao traduzir o discurso matemático, traduz também a própria condição de ser surdo no mundo: ele afirma uma presença, um modo de ver e um modo de pensar.

A análise das traduções do ENEM Digital, nesse sentido, ilumina uma verdade maior: a de que a diferença não é um obstáculo ao conhecimento, mas sua possibilidade. É no encontro entre o texto e o sinal, entre o cálculo e o corpo, que o saber se reinventa. O gesto que traduz é o mesmo que produz o mundo.

O corpo-sinal é, portanto, o lugar onde a Matemática se faz carne e o pensamento se torna visível. Nele, a linguagem volta a ser corpo, e o corpo, linguagem. Essa é, talvez, a maior lição que a tradução em Libras oferece à epistemologia contemporânea: a de que conhecer é, sempre, um ato de criação — e que toda criação começa no corpo.

REFERÊNCIAS

BRASIL. Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (INEP). *Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM) Digital – Provas e vídeos em Libras*. Brasília: INEP, 2017–2023. Disponível em: <https://www.gov.br/inep>. Acesso em: 20 out. 2025.

DELEUZE, Gilles. *Diferença e repetição*. Tradução de Luiz Orlandi e Roberto Machado. 2. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988.

DELEUZE, Gilles. *Lógica do sentido*. Tradução de Luiz Roberto Salinas Fortes. São Paulo: Perspectiva, 1974.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. *Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia*. Tradução de Aurélio Guerra Neto e Celia Pinto Costa. Rio de Janeiro: Editora 34, 1995. v. 1.

FOUCAULT, Michel. *A arqueologia do saber*. Tradução de Luiz Felipe Baeta Neves. 7. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008.

FOUCAULT, Michel. *A ordem do discurso*. Tradução de Laura Fraga de Almeida Sampaio. 24. ed. São Paulo: Loyola, 2014.

FOUCAULT, Michel. *Vigiar e punir: nascimento da prisão*. Tradução de Raquel Ramalhete. 42. ed. Petrópolis: Vozes, 2018.

ORLANDI, Eni P. *Análise de discurso: princípios e procedimentos*. 11. ed. Campinas: Pontes, 2020. 1437

PÊCHEUX, Michel. *Semântica e discurso: uma crítica à afirmação do óbvio*. Tradução de Eni Orlandi et al. 5. ed. Campinas: Editora da Unicamp, 2014.

PERLIN, Gladis. *Identidades surdas*. Porto Alegre: Mediação, 2006.

SKLIAR, Carlos. *A surdez: um olhar sobre a diferença*. Porto Alegre: Mediação, 1998.

SKLIAR, Carlos (org.). *Educação e exclusão: abordagens socioantropológicas em educação especial*. Porto Alegre: Mediação, 1997.

STROBEL, Karin Lílian. *As imagens do outro sobre a cultura surda*. 3. ed. Florianópolis: Ed. UFSC, 2016.

STROBEL, Karin Lílian; FERNANDES, Sueli. *Língua de sinais e identidade surda: discursos e práticas em educação*. Curitiba: Editora CRV, 2019.